

Vol VII, núm. 2, jul-dez, 2023, pág. 229-253

## **ENSINO DE LIBRAS PARA OUVINTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

### **TEACHING LIBRAS FOR LISTENERS IN CHILDHOOD EDUCATION: A BIBLIOGRAPHIC REVIEW**

Lizze Silva Almeida  
Flávia Larissa de Rocha Alencar  
José Hugo Gonçalves Magalhães  
Alexsandro Medeiros do Nascimento  
Antonio Roazzi

#### **RESUMO:**

A história da educação de surdos foi marcada por violências, desvalorização de sua cultura, integração e segregação, com os surdos sendo inseridos em escolas regulares sem preparo prévio para recebê-los e sem um canal satisfatório de comunicação com professores e colegas devido à diferença linguística. Para promover a inclusão e o desenvolvimento de todos os alunos, é indispensável construir uma comunicação por meio da Libras, mas há uma carência de propostas que promovam a língua de sinais na escola regular e interação entre surdos e ouvintes, bem como pesquisas voltadas para o processo de ensinar e aprender a Libras no contexto de sala de aula. O objetivo deste texto é contribuir para preencher essa lacuna, apontando possibilidades, desafios e metodologias que estão sendo utilizadas, bem como promover a Libras como segunda língua para ouvintes por ser uma habilidade socialmente útil e inclusiva. Autores como Valadão (2016), Lacerda e Moraes (2013), Marques, Barroco e Silva (2014), Torres, Cruz e Henrique (2019) e Azevedo e Alencar (2020) foram utilizados como subsídio. A metodologia utilizada foi revisão de literatura. Conclui-se que ainda existem preconceitos em torno da Libras e surdos, mas os docentes têm consciência dos direitos de inclusão dos surdos e dos benefícios do ensino e aprendizagem da Libras. Além disso, que a formação dos pedagogos que atuam com alunos surdos não é suficiente para trabalhar com eles, que as metodologias mais utilizadas são as lúdicas e que cultura surda precisa ser mais valorizada.

**Palavras-chave:** educação inclusiva, educação bilíngue, libras para ouvintes, educação infantil.

#### **ABSTRACT:**

The history of deaf education has been marked by violence, devaluation of their culture, integration, and segregation, with deaf people being inserted into regular schools without prior preparation to receive them and without a satisfactory communication channel with teachers and colleagues due to linguistic differences. In order to promote the inclusion and development of all students, it is essential to build communication through Libras, but there is a lack of proposals that promote sign language in regular schools and interaction between deaf and hearing people, as well as research aimed at the process of teaching and learning Libras in the classroom context. The objective of this text is to contribute to filling this gap, pointing out possibilities, challenges, and methodologies that are being used, as well as promoting Libras as a second language for listeners, as it is a socially valuable and inclusive skill. Authors such as Valadão (2016), Lacerda and Moraes (2013), Marques, Barroco, and Silva (2014), Torres, Cruz and Henrique (2019), and Azevedo and Alencar (2020) were used as subsidies. The methodology used was a literature review. It is concluded that there are still prejudices around Libras and deaf people, but teachers are aware of the rights of inclusion of deaf people and the benefits of teaching and learning Libras. In addition, the training of pedagogues who work with deaf students is not enough to work with them, the most used methodologies are ludic, and that deaf culture needs to be more valued.

**Keywords:** inclusive education, bilingual education, Libras for listeners, early childhood education.

## 1 INTRODUÇÃO

A história da educação de surdos foi marcada por desvalorizações da cultura surda, depreciação de suas experiências visuoespaciais de comunicação por meio da língua de sinais, por exclusões e diversas violências, tais como a tentativa da oralização forçada e impedimento de qualquer gesto como forma de linguagem ou língua natural do surdo, baseada na concepção oralista, que defendia que o surdo pode se desenvolver melhor por meio da oralidade e por serem definidos (erroneamente) como incapazes e até mesmo como doentes mentais. Em 2002, devido à luta da comunidade surda por valorização de sua cultura e reconhecimento de sua língua, foi decretada a Lei nº 10.436/2002 (BRASIL, 2002) que reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio de comunicação, bem como a Lei nº 13.005/2014 (BRASIL, 2014) que assegura a educação bilíngue para crianças surdas, com a implantação de Escolas Bilíngues para Crianças Surdas.

As Escolas Bilíngues para Crianças Surdas têm como primeira língua (L1) a Libras e segunda língua (L2) a língua portuguesa (BRASIL, 2014). Mesmo sendo uma opção segregadora, é a preferência dos surdos, pois a consideram mais adequada às suas necessidades educacionais. É nas escolas bilíngues que as crianças surdas, principalmente as vindas de pais ouvintes, costumam ter o primeiro contato com a Libras. Porém, essas escolas apenas foram implementadas nas minorias das cidades e para compensar a falta delas, os surdos são inseridos nas escolas regulares, nas quais em vez de haver uma inclusão, há uma integração, pois os surdos pouco interagem com os ouvintes devido à dificuldade de comunicação entre eles, mesmo que haja mediação entre professores fluentes em Libras e intérpretes (LACERDA e MORAIS, 2013).

Essa foi uma realidade vivenciada por uma de nós, que estudou com três alunos surdos no ensino médio regular. Apesar de haver uma intérprete em sala, de seus colegas surdos lhe ensinarem alguns sinais e ter interesse em fazer amizade com eles, não conseguia estabelecer um canal de comunicação eficiente. Mesmo se sentando próxima deles, a sensação que ela tinha era de que eles faziam parte de uma turma à parte dentro da mesma sala, já que todos os três se sentavam juntos diariamente no mesmo canto da sala por ter apenas uma intérprete para atendê-los e até mesmo as professoras não se dirigiam diretamente a eles, mas sim a intérprete. O máximo que a escola fez para promover a Libras para ouvintes naquele contexto foi uma oficina

de 3 horas, onde foi ensinado o alfabeto manual, sinais de saudação, alguns outros sinais isolados e frases feitas.

Escolhemos a etapa Educação Infantil pois a comunicação é importante desde os primeiros minutos de vida (afinal, a criança tenta se fazer entendida da forma que consegue para expressão alguma necessidade ou sentido, seja chorando, fazendo caretas, batendo os pés, etc.) e foi nela que uma de nós teve a sua primeira experiência em ensinar Libras para crianças. No caso em questão, durante as cantigas de roda eram realizadas danças com as mãos e braços, alguns eram parecidos com sinais em Libras, então ela adaptou a dança inserindo os sinais que conhecia para as crianças que possuíam de 2 anos. As crianças entenderam como uma dança, entretanto, conseguiram associar alguns sinais com a palavra correspondente. Essas experiências foram um dos principais fatores que nos motivaram a escolher o tema em questão, somada a busca por uma educação verdadeiramente inclusiva.

Conforme Marques, Barroco e Silva (2014), Vygotsky, em seus estudos sobre o desenvolvimento e aprendizagem humana na Psicologia Histórico-Cultural (PHC), defende que o ser humano não nasce pronto, é formado a partir de sua apropriação da cultura e interação com outros humanos, onde tais interações são necessárias para a construção do conhecimento e são feitas por meio da linguagem, a mesma lógica se aplica aos surdos. Desta forma, quanto mais ricas forem suas interações sociais e contato com diversas culturas, melhor será o seu desenvolvimento e aprendizagem, ou, com as palavras de Marques, Barroco e Silva (2013, p. 512): assim, o pleno desenvolvimento do surdo requer que ele faça seu o que outros surdos e ouvintes produziram. Isto é uma via de mão dupla, visto que os alunos ouvintes também serão beneficiados com essa interação, pois terão acesso a cultura surda. A Libras é a peça-chave para que essa interação aconteça, não se limitando apenas ao ambiente escolar, uma vez que a pessoa ouvinte aprende a língua, pode se comunicar livremente com estes dentro e fora da escola.

[...]São necessárias investigações que ampliem as discussões sobre o ensino da língua de sinais para ouvintes, considerando as abordagens e metodologias utilizadas, as especificidades da sua modalidade visuoespacial e as particularidades dos aprendizes. (VALADÃO, 2016, p. 127).

Marques, Barroco e Silva (2014) expressam de forma explícita sua preocupação com a falta de propostas nas escolas regulares que auxiliem de fato a interação entre crianças ouvintes e surdas para que esta possa se apropriar do conhecimento concordante com seu nível de

escolaridade e faixa etária. Bem como Valadão (2016) também expõe, a escola regular carece de propostas que promovam a interação entre os alunos ouvintes e surdos, tal como inclusão do ensino de libras no currículo, acrescentando ainda a falta de pesquisas voltadas ao processo de ensinar e aprender Libras nos contextos de sala de aula. Logo, apesar de a intenção colocar crianças surdas nas salas regulares junto com a crianças ouvintes ser inclusiva, tal deficiência na comunicação entre elas causa integração.

Em consideração às afirmações acima, temos por finalidade responder ao seguinte problema: Quais metodologias estão sendo usadas para o ensino de Libras na educação infantil e como os professores atuantes nessa área enxergam o tema? Com o objetivo de colaborar para o preenchimento da lacuna encontrada por autores como Valadão (2016) na literatura acadêmica, ao fazer um apanhado das principais ideias nos artigos e resumos selecionados, apontar as possibilidades e desafios, quais metodologias foram apontadas e ajudar a promover Libras como segunda língua para ouvintes, por ser uma habilidade socialmente útil e inclusiva. Julgamos esse trabalho como relevante para a sociedade, pois contemplamos o ensino de Libras para ouvintes como ferramenta para tornar a sociedade mais inclusiva, especialmente para a comunidade surda, que já sofreu diversas violências por causa de preconceitos.

Os autores que utilizamos de aporte para a produção são: Valadão (2016), Lacerda e Moraes (2013), Marques, Barroco e Silva (2014), Torres, Cruz e Henrique (2019), e Azevedo e Alencar (2020). A metodologia utilizada por nós foi a de revisão de literatura acadêmica, selecionando artigos científicos, Teses, TCCs e Resumos Acadêmicos. Dividimos a análise em duas partes: metodologias utilizadas e visão dos professores acerca do tema, dessa forma, há mais facilidade para um bom entendimento das discussões trazidas.

Torres, Cruz e Henrique (2019) destacam a trajetória percorrida pelos surdos até chegar no marco que nos encontramos hoje, explicando por três métodos. O primeiro é a utilização da leitura labial para os surdos: O oralismo, que foi uma experiência nada atraente para o desenvolvimento da linguagem dos surdos, pois acreditava-se que o surdo deveria receber a língua falada de maneira natural, assim como uma criança ouvinte, contraditoriamente, esse método era, muitas vezes, executado de forma forçada. Em seguida, houve a implementação da linguagem de sinais, denominada no presente como português sinalizado. Este método, comumente, é utilizado por quem não sabe Libras, entretanto, os sinais podem ser distorcidos e a articulação de forma errada podem produzir sinais com outros significados (TORRES,

CRUZ e HENRIQUE, 2019). Posteriormente a proposta do bilinguismo foi inserida, no qual ocorreu o reconhecimento da Libras como língua oficial dos surdos e também a segunda do próprio país. Nesta proposta, a Libras é a L1 do surdo e o português é a (L2), por isso o nome bilinguismo.

Segundo a tradução de Valadão (2016), Vygotsky valoriza o uso da Libras (chamada por ele no tempo de gestos e escrita no ar) como meio de comunicação e interação, tornando-a essencial para a construção do conhecimento. Outro indício da importância da Libras para o surdo se mostra nos postulados de Slomski e Cruz, reunidos por Valadão (2016), dos quais expõe que as crianças surdas, diferente das que tiveram contato com a Libras precocemente através do contato com outros surdos, quando comparadas com crianças ouvintes, sofrem defasagens educacionais e de ordem linguísticas.

Se a educação deve ser para todos, bem como se aplica no artigo 205 da constituição federal (BRASIL, 1988), isso quer dizer que alunos com deficiência também devem ser beneficiados com esse direito. Falar de educação inclusiva é saber que ela deve ser significativa para o sujeito, mantendo sua identidade, e não a modificando, ou seja, não promovendo a integração. Ao trazer para uma escola regular, é imprescindível essa execução. A inserção dos surdos em escolas regulares ainda é bastante dificultosa, visto que, referir-se a uma educação bilíngue, é permitir a existência da língua Brasileira de Sinais e a língua portuguesa no currículo escolar, com a finalidade de proporcionar uma educação sem exclusão aos alunos surdos e ouvintes, isto é, o não uso da segregação. A Libras como L2 para ouvintes pode promover e aumentar a interação entre ouvintes e surdos além dos muros da escola.

É importante salientar o cuidado na maneira dessa inserção. Muitas vezes a própria criança surda não possui o conhecimento da Libras, e então deve-se primeiramente trazer essa prática para posteriormente aplicar a língua portuguesa por exemplo. Discutir sobre a Libras envolve não somente uma forma de comunicação, mas também suas questões sociais e culturais. Ainda há uma ideia muito vazia a respeito do bilinguismo. A “inclusão” proposta por muitas escolas não exerce o real significado da palavra. Dentre os aspectos, destaca-se a necessidade de uma boa formação docente e que também seja contínua. Também é importante pontuar a rede de apoio necessária, as pessoas que precisam estar envolvidas no processo. Uma educação bilíngue direcionada a comunidade surda é fundamental que se repare alguns aspectos como interação pela língua de sinais, envolvimento familiar, políticas públicas competentes e

docentes qualificados para atuar nessa área (AZEVEDO e ALENCAR, 2020). A escola tem a responsabilidade de oferecer ao profissional de sala de aula recursos ou materiais, para que estes alunos se desenvolvam junto com os demais ao mesmo tempo.

## 2 METODOLOGIA

O presente trabalho segue a metodologia de revisão de literatura, que segundo BRIZOLA e FANTIN (2017, p.27), de forma bem resumida, trata-se da “[...] junção de ideias de diferentes autores sobre determinado tema, conseguidas através de leituras, de pesquisas realizadas pelo pesquisador.”. Isto é, uma seleção e agrupamento de bibliografias sobre um assunto, apresentando os diferentes pontos de vista encontrados e apreciação crítica em cima destas obras, por meio de análise e contextualização do problema.

Foram realizadas buscas na plataforma *Google Scholar*, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Portal de Periódicos Capes e BVS-PSI. Nós filtramos com as palavras-chave: Libras, libras para ouvintes, educação infantil; delimitando as publicações de 2010 até a presente data. O número de artigos encontrados foi, respectivamente, 5.263, 7, 16 e 31. A partir daí, selecionamos apenas os artigos empíricos que tinham relevância para o tema em questão, ficando um total de 3 artigos, sendo todos vindos da plataforma *Google Scholar*. Por considerarmos um número pequeno para um trabalho de revisão, resolvemos abranger os critérios de seleção para incluir Teses, TCCs e Resumos Acadêmicos Expandidos, ficando com um total de 12 produções acadêmicas, novamente, todas vindas do *Google Scholar*, pois as encontradas nas outras plataformas não atendiam todos os pré-requisitos para serem selecionadas.

### Quadro 1: Apresentação das produções acadêmicas selecionadas.

TÍTULO	AUTOR(AS)	ANO DE PUBLICAÇÃO
Reflexões sobre uma narrativa em um contexto de ensino da Libras como segunda língua para crianças ouvintes.	SOUSA, Danielle Vanessa Costa.	2018
Relatos de Experiência: Libras na Escola, Despertando Uma Nova Língua e Promovendo a Inclusão	LEITE, Mayara de Sousa; ARAÚJO, Aline Cássia Silva.	2020

A Libras como disciplina na educação básica: uma pesquisa com professores da rede estadual de Caxias - MA	BASTOS, Eulânia Maria Ramos.	2017
As Possibilidades e os Desafios da Oferta de Libras na Pré-escola em uma Escola de Educação Infantil no Norte Gaúcho.	CORASSA, Tainá Deffaci.	2022
Educação Infantil: diálogos com as professoras acerca do ensino de Libras	QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; KUNZ, Sidelmar Alves da Silva; COSTA, Sandra Regina Santana.	2019
O Ensino de libras na Educação infantil: uma experiência inclusiva no projeto Aponte.	CANANÉA, Leandro Batista.	2019
A inclusão da Libras no currículo da educação Infantil da escola regular: uma proposta possível?	WERLE, Matos de Maria.	2017
Reflexões sobre ensino de Libras como L2 para crianças ouvintes no contexto de escolas regulares inclusivas.	SOUSA, Danielle Vanessa Costa.	2017
Músicas infantis como instrumento facilitador para o Ensino da Libras por crianças ouvintes.	FERRÃO, Bibianna da silva	2018
O Ensino da Língua de sinais Brasileira na educação infantil: caminhos para o uso e difusão.	RAMOS, Alex Sandro Lins; ALVES, Marli de Sousa.	2020
O Ensino de Libras para crianças ouvintes: uma experiência na Educação Infantil.	LIMA, Alina Guimarães; BARBOSA, Ana Rita de Cassia Santos Barbosa.	2020
Prática Bilíngue na Educação infantil: Libras e português-reflexões de uma prática.	KLEIN, Alessandra.	2010

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor compreensão e organização do tema, decidimos dividir os resultados em duas partes, sendo a primeira referente às metodologias e a segunda à visão dos professores acerca do tema em questão encontradas nas bibliografias analisadas.

#### 3.1 METODOLOGIAS UTILIZADAS NO ENSINO DE LIBRAS PARA CRIANÇAS

A pesquisa de Sousa (2018) foi realizada no projeto de extensão chamado por "Libras na Creche", com o objetivo de apresentar uma análise quanto à Contação de Fábula em Libras com enfoque nos sinais icônicos e gestos. O projeto foi realizado ao longo de quatro anos, no

qual professores surdos ensinavam Libras em instituições de educação infantil utilizando metodologias lúdicas, inspirado na política pública de inclusão de profissionais surdos falantes da Libras nas creches, somado ao fato de que a interação entre surdos e ouvintes por meio da Libras fortalece o processo de inclusão de surdos no país e seu ideal de inclusão de surdos, que é o bilinguismo na sociedade brasileira, tendo Libras como L2 para ouvintes.

Embora a pesquisa tenha sido mais ampla, Sousa (2018) só utilizou dados de uma das “tarefas” (pesquisa-ação), que foi a contação de histórias em Libras. Dar-se-á entender que a pesquisa foi feita com pelo menos 11 crianças ao longo de dois meses com atividades de 35 a 50 minutos, mas somente 7 crianças são citadas durante a análise propriamente dita. A contação de histórias foi realizada por uma professora surda chamada Fernanda que, como planejado, traduziu a história em Libras e adaptou ao perfil do público, ainda com uso de sinais-chave durante a narrativa para distinguir os personagens de uma mais marcante, recorrendo também a estratégias não planejadas que foram relevantes para a interação com os aprendizes.

Nos chamou a atenção Fernanda não utilizar somente sinais em libras, mas também gestos, elementos e descrição dos personagens antes de utilizar o sinal para a identificação do referente, dos quais as crianças identificaram e reproduziram os sinais e interagiram durante a tarefa com estes sinais e o português. Quanto a isto, compartilhamos da preocupação da autora no uso da iconicidade, gestos emblemáticos e descritivos, pois sem o devido cuidado, pode acarretar numa performance pantomímica ao invés de uma história contada em Libras e uma ilusão de estar compreendendo bem a Libras. Já com o devido cuidado, esta estratégia é importante para a melhor compreensão pelas crianças iniciantes na língua.

Sousa (2018) elucida que apesar das crianças apenas usarem o português/oralização para apontar aspectos que não haviam entendido, este uso foi desencorajado pela professora ao pedir silêncio e atenção à história sinalizada, pois isto poderia acarretar na falta de atenção das crianças na narrativa e preocupação quanto criar um espaço no qual a libras seja majoritária nas interações. Por fim, foi constatado que crianças entenderam e imitaram sinais isolados.

O artigo de Leite e Araújo (2020) possui como objetivo apresentar a importância da inserção da Libras no componente curricular das escolas regulares, no intuito de promover a inclusão do indivíduo com deficiência auditiva e foi baseado em uma experiência de estágio em uma escola particular da cidade de Salgueiro - PE em 2019. Vários foram os fatores que motivaram a pesquisa de Leite e Araújo (2020), dentre elas então a iniciativa dos colegas de

turma de AP (nome fantasia atribuído ao aluno surdo), em aprender sinais de forma individual para se comunicar com ele, pois não havia nenhuma política ou qualquer coisa que promovesse o ensino de Libras na instituição de ensino, ocasionando em dificuldade de comunicação entre eles; o fato de haver 4.067 indivíduos com deficiência auditiva na cidade onde a pesquisa foi realizada; crença de que há uma necessidade de reparação história com os surdos por causa de todas as violências sofridas por eles; entenderem a Libras como meio de inclusão de surdos e a escola como local adequado para a difusão da mesma.

As autoras fazem uma reflexão sobre o que é deficiência em cima do conceito histórico e médico, chegando a conclusão de que a deficiência é uma questão social, pois: se não houvesse barreiras nos ambientes e no comportamento das pessoas frente ao indivíduo com deficiência, essa deficiência seria reduzida, pois a pessoa poderia realizar suas atividades de forma plena (LEITE e ARAÚJO, 2020. p. 111). Além disso, reconhecem a dificuldade enfrentada pelos surdos em ter acesso à própria língua desde a infância e todas as problemáticas nisto inclusa, tais como: nascerem de pais ouvintes que não conhecem a Libras; falta de incentivo para aprender Libras pela comunidade médica; falta de professores bilíngues nas escolas regulares; ausência de escolas especializadas na educação bilíngue para surdos; falta de políticas públicas de disseminação da libras, etc. que é o caso de AP, pois estava passando pelo processo de deixar a Libras e os sinais domésticos para ser inserido na oralidade.

Assim como Sousa (2018), Leite e Araújo (2020) expressam preocupação quanto haver professores preparados/especializados dentro das escolas para receber estes indivíduos, acrescentando a necessidade de apoio por parte da escola em fornecer formação continuada. Em outras palavras, defendem que é necessário um trabalho em conjunto entre escola, professores e família, cada qual de sua forma, cabendo a família aprender libras e ensinar as crianças surdas, faculdades preparando melhor professores, escolas fornecendo formação continuada e os professores no processo de ensinar libras para os alunos ouvintes e incluir de fato o aluno surdo. Ousamos ir mais além. Acreditamos que todo o corpo escolar deve ter conhecimento da língua, desde o porteiro(a) ao diretor(a) para que estes alunos se sintam à vontade e possam se comunicar livremente em todos os espaços da escola, não apenas dentro da sala de aula, desta forma, de fato, não haveria barreiras comunicativas.

É importante ressaltar que a comunicação entre os surdos e ouvintes dentro da escola, tanto nestas literaturas quanto em outras realidades, é mediada pelo intérprete. Se todo o corpo

escolar for fluente em Libras, este profissional não será mais necessário dentro das escolas, entretanto, é mais barato ter um intérprete do que capacitar *devidamente* todos os profissionais, mesmo que a meta seja apenas professores. Usamos este advérbio de modo pois o que se tem de política pública para a capacitação de professores neste sentido é a de inclusão das libras da formação das licenciaturas, todavia, a Libras é uma língua e deve ser tratada como tal. Passamos anos estudando nossa própria língua e o inglês na escola regular, mas quando se trata da Libras, temos apenas uma única disciplina durante toda a formação, isto não é suficiente nem mesmo para alcançar o nível básico de Libras. O investimento para tornar isto possível deve ser grande e constante.

[...] Considera-se que o aprendizado da LIBRAS na escola se faz relevante não só para o aluno com deficiência auditiva, mas também para seus colegas, visto que estes terão um aprendizado sobre responsabilidade social, entendendo a importância da inclusão, e contributos no seu desenvolvimento. Assim, considera-se que a prática inclusiva promove ganhos em cadeia, visto que esses estudantes ouvintes poderão levar esses conhecimentos consigo durante toda a vida, gerando inclusão em diversas áreas em que perpassem e transformando a relação da sociedade com a LIBRAS e com as demais práticas inclusivas na geração presente e nas futuras. (LEITE E ARAÚJO, 2020. p. 177)

O artigo em questão não trata sobre metodologias e tão pouco fala sobre as práticas executadas dentro da escola durante o estágio, dar-se á entender que foi um estágio de observação no qual elas puderam identificar a lacuna no currículo das escolas regulares quanto ao ensino de Libras; a necessidade de incluí-la tanto para alunos surdos quanto para ouvintes no intuito de promover inclusão de alunos surdos; que a Libras beneficia não somente para os surdos, mas os ouvintes também e a difusão da Libras para ouvintes como ferramenta de inclusão além da escola.

O resumo expandido de Queiroz, Kunz e Costa (2019) teve como objetivo analisar como o grupo de professoras realiza o ensino de libras na educação infantil, por meio de entrevista semiestruturada e observação de sua prática pedagógica em sala de aula. O grupo escolhido foram três professoras de dois Centros de Educação Infantil (CEI) da rede pública de ensino da Secretaria de Educação do Distrito Federal, todas formadas em pedagogia, mas com tempos de experiências diferentes, motivações diferentes para aprender libras e tempo de curso diferentes, variando de 6 meses a 4 anos, todos por conta própria. De forma bastante resumida, o método utilizado por todas elas para ensinar Libras foi a prática bilíngue, isto é, se comunicar em ambas

as línguas em todos os momentos em sala de aula, incluindo nas rodas de conversa, saudações, contação de histórias, chamada e trabalho com alfabeto de sinais.

Ana é a mais nova (22 anos) das professoras estudadas por Queiroz, Kunz e Costa (2019), possui menos experiência (2 anos) e também o menor tempo de curso (6 meses). Inevitavelmente, apresentou dificuldade em fazer a tradução simultânea e para suprir, buscava fazer o planejamento de suas atividades pedagógicas com antecedência e ampliar a sua aprendizagem. Também foi constatado por Queiroz, Kunz e Costa (2019), que em diversos momentos, é notável que as crianças entendem a Libras como uma brincadeira, utilizando desta durante suas brincadeiras e até mesmo brincando que são surdas. Este era um resultado já esperado por nós, pois nos estudos de Valadão (2016), o brincar é a forma como a criança enxerga o mundo e interage com ele, então não vemos este fato como algo negativo. Por fim, os demais resultados obtidos foram de maior interação entre os alunos surdos e ouvintes e melhor aprendizagem dos assuntos lecionados. Além da dificuldade apresentada por Ana, foi observado a necessidade de adaptar os materiais didáticos, devido à ausência de materiais atrativos na escola e no mercado para Libras nessa etapa.

A pesquisa realizada por Werle (2017) de caráter qualitativo, a partir de uma visitação em uma à Escola de Surdos Salomão Watnick na cidade de Porto Alegre, é feita por meio de entrevistas com intérpretes e também com aplicação de uma proposta para a inclusão de Libras numa turma de educação infantil. Por ter cursado Pedagogia e Letras, a autora teve contato com Libras, e se interessou cada vez mais pelo estudo e aprendizagem dela. O propósito da pesquisa é saber a possibilidade de inserir na educação infantil a língua Brasileira de Sinais na escola regular. Para a realização foram incluídos vinte estudantes da turma do maternal e foram entrevistados dois professores/tradutores e também a coordenação. A autora defende a inserção dessa língua desde que seja posta, por intermédio de convívio diário, respeitando o tempo de cada um, pois assim, torna-se natural a aprendizagem e não algo imposto. A coordenação da escola pontua que a importância no ensino da Libras se dá de forma com o dia a dia dos alunos, por exemplo com objetos que os rodeiam e as cores presentes no ambiente.

A partir de entrevistas com os profissionais da escola, foi criado um cronograma com propósito de inserir a libras na educação infantil de uma escola regular num período de três meses. O quadro pontua a necessidade de um ensino seja dado de diferentes maneiras, acerca de: brincadeiras, histórias infantis e ilustrações. Durante a aplicação da proposta da inserção da

nova língua para as crianças houve um bom retorno, com a curiosidade despertada, e interesse cada vez mais se apresentando. Nesse período de três meses, a autora pontua o retorno positivo com ensino significativo quando as crianças começaram a usar Língua Brasileira de Sinais fora da sala de aula, como no momento da refeição, perguntando como sinaliza tal alimento e até mesmo na pracinha da escola associando com o que foi aprendido, ajudando um ao outro quando algum sinal fora esquecido. Diante dos resultados da pesquisa, foi possível perceber a tamanha importância dessa língua no currículo da educação Infantil, que corrobora para inclusão e solidariedade no meio educacional. Como cita Werle (2017, p.20), ensinar a língua de sinais é, portanto, ao mesmo tempo, ensinar a lidar com a diversidade.

O estudo de Ramos e Alves (2020) é realizado a partir da percepção da falta de ofertas da Língua Brasileira de Sinais e aulas diversificadas, e com esse conhecimento percebeu-se a demanda dela. As pessoas, de forma geral, têm interesse em aprender Libras, porém, ainda não são ofertadas oportunidades reais para que todos possam aprender nas escolas, em seus locais de trabalho e em outros espaços da sociedade (RAMOS E ALVES, 2018). Assim, foi realizado um trabalho que inclui o ensino de libras como segunda língua para crianças ouvintes na educação infantil, numa escola Municipal localizada no Rio de Janeiro. As turmas participantes eram compostas por em média quinze alunos, sendo ministradas nos dois turnos (manhã e tarde), com quatro horas de aulas sendo ela dividida em dois dias na semana, cada uma com uma hora de duração, sendo no turno da manhã a apresentação do tema proposto e a tarde atividades lúdicas acerca da temática apresentada. Uma forma destacada que se tornou facilitadora para as crianças na aprendizagem, visto que as aulas eram ministradas todas em libras (pelo professor que possui formação de Libras, além de ser tradutor e Intérprete), foi a contação de história, já que elas possuíam diariamente contato com esse método.

Durante a aplicação das atividades diárias, constatou-se que as crianças ouvintes estavam se comunicando em libras dentro e fora da escola. Os resultados foram tão perceptíveis, que as aulas se estenderam para os funcionários da instituição também, entretanto, os autores pontuam que para os adultos a aprendizagem seguiu mais lenta. Mas por outro lado houve a utilização de recursos tecnológicos que permitem a comunicação diária e troca de aprendizagens, dessa forma, a comunicação em libras foi se ampliando no ambiente, podendo haver comunicação entre todos, e o processo ensino-aprendizagem.

O artigo produzido por Klein (2010) traz um relato de sua experiência pedagógica, como professora de escola regular, em que discorre sobre a chegada de uma aluna surda na sua turma de educação infantil e a partir daí busca uma metodologia adequada para inclusão da aluna. Vale ressaltar que ela é fluente em Libras. A autora coloca suas preocupações acerca da falta de oferta nas escolas que seriam adequadas para essa aluna surda como a não existência de uma escola bilíngue no município que se encontra. Visto essa existência, se propôs a trabalhar uma proposta bilíngue com toda a turma e também com a comunidade escolar. Para tal inserção, a docente modifica não somente as atividades ou planejamento (modificados para a língua materna da criança, Libras), mas também a organização da sala de aula. No geral, suas aulas foram pensadas em duas línguas: português e libras. Explica que as aulas foram ministradas em Libras, sinalizadas e faladas ao mesmo tempo, mas com um diferencial seu posicionamento, enquanto professora, esteve direcionado de forma que a aluna surda pudesse visualizá-la observando os sinais e expressões, dessa maneira, as aulas se tornavam significativas para ela.

Em observação e experiências durante as aulas, constatou-se a necessidade de contato da aluna com sua própria cultura surda, assim houve a proposta do seu Atendimento Educacional Especializado (AEE), que inicialmente seu atendimento seria no período da tarde, três vezes na semana, que fosse necessário a aluna ausentar-se da sala de aula abstendo-se das aulas regulares. Porém, por iniciativa da professora, juntou-se com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, com a professora surda do AEE e direção da instituição entraram em consenso para que houvesse, não somente, mas também momentos desse atendimento na sala de aula regular. Foi então seguido um trabalho em conjunto, que permitiu a construção de atividades na estrutura de libras sem prejudicar os alunos ouvintes. Ou seja, havia a presença de assimilações com objetos da vida diária.

A autora pontua outro fator que agregou em suas aulas: a Literatura surda. “Na educação infantil as histórias fazem parte da rotina, porém o simples ato de contá-las em língua de sinais como um processo de tradução não demonstra eficácia para a compreensão e significação do contexto apresentado.” (KLEIN, 2010, p.5). Visto isso, houve a implementação da literatura surda. Essas histórias, contadas em LIBRAS, em conjunto com a professora de AEE são literaturas escritas para ouvintes, que foram adaptadas para a representação do surdo, como por exemplo, O Patinho Surdo, que trata de temas sobre a língua de sinais, a diversidade linguísticas e sociais. No decorrer do ano letivo foram vários movimentos para trazer a literatura surda

presente na escola a fim de oportunizar e ampliar o conhecimento sobre a comunidade surda e o diálogo na língua de sinais. “Faz-se necessário motivar a própria comunidade surda em produzir mais materiais que tragam a sua trajetória de lutas sociais, marcando um movimento de reconhecimento e conquistas, deixando as novas gerações surdas possibilidades de pertencer a essa história” (KLEIN, 2010, p.6). Por fim, a docente trouxe uma perspectiva, apesar das dificuldades encontradas, trouxe uma adaptação inspiradora para sua sala de aula, levando em conta, muita admiração e respeito para com a comunidade surda.

A pesquisa bibliográfica e de campo com a abordagem qualitativa das autoras Lima e Barbosa (2020) obtém com objetivo principal a análise numa escola pública localizada no município de São Francisco do Conde no estado da Bahia, que oferta o ensino da Língua Brasileira de Sinais para educação básica e infantil. O estudo foi realizado tendo como ponto pé inicial os olhares sensíveis das autoras pelas lutas, conquistas da comunidade surdas e quebra de paradigmas através da educação, bem como salientar o desenvolvimento dessa língua na sociedade brasileira, mesmo entre tantos desafios. Os métodos escolhidos para tal baseiam-se em observações e entrevistas com docente e coordenação pedagógica.

As observações realizadas obtiveram duração de um dia com o propósito de conhecer como a aula é efetuada, assim como a relação professor e aluno e interação das crianças ouvintes. No ano feita à pesquisa (2019) não havia aluno surdo matriculado na respectiva instituição. A parte direcionada a entrevista foi realizada com um professor (a) de libras, e coordenador (a) pedagógico. Uma informação importante vinda do coordenador (a) entrevistado, afirma que a escola não possui um projeto específico para o ensino de Libras, mas que ainda está em construção. Expõe seus medos iniciais, pois acreditava que as crianças poderiam apenas querer se comunicar por Sinais, e não mais utilizar a oralidade, diante dos resultados positivos quando se iniciou a prática, porém o surpreendeu quando se deu conta do desenvolvimento cognitivo, da atenção e motricidade.

Os entrevistados justificam a não total eficácia da inclusão na escola por questões da estrutura e também a falta dos recursos pedagógicos necessários. Ainda assim, prezam pela conscientização das crianças no ato do Ensino de Libras, reforçando a importância de aprendê-las. “Percebe-se a responsabilidade do professor(a) em ensinar aos alunos e alunas a lidar e respeitar as diferenças existentes na sociedade, bem como, a importância do reconhecimento do eu e do outro, das diferenças, da ancestralidade” (LIMA e BARBOSA, 2020, p. 267). As

estratégias utilizadas para amenizar as faltas pontuadas, são por meio da ludicidade, inclusive jogos produzidos com materiais recicláveis e impressões como: o jogo da memória em libras (encontrar o sinal da respectiva figura), e assim observam diariamente os avanços por meio dos relatos positivos dos familiares dos estudantes sobre a utilização da língua aprendida para além da escola.

O trabalho de conclusão de curso, de caráter quanti-qualitativa do tipo descritiva de autoria de Ferrão (2018), consiste em uma temática no entanto inovadora quanto ao ensino de Libras, pois, responde acerca da inserção da música como facilitadora para esse ensino nas escolas públicas de Santa Maria- RS, tendo como o objetivo a introdução da Língua Brasileira de Sinais em duas escolas da cidade. A realização deu-se por meio de um Projeto de Extensão, na qual era estagiária, e posteriormente bolsista do Grupo Mãos Bilíngues que consiste em desenvolver a LIBRAS para ouvintes universitários da UFSM de licenciatura e estudantes dos anos iniciais que frequentam escolas públicas de Santa Maria-RS.

A pesquisa num todo foi realizada em três escolas, mas como fonte pesquisa foi utilizada de fato, apenas duas: Na EMEF Aracy Barreto Sacchis (escola A), que no ano realizado o trabalho (2017), possuía 23 alunos (entre 5 e 6 anos), sendo 1 surdo, e sem contato a comunidade surda, por negação dos pais, e na insistência de uma comunicação oral. A segunda escola: EMEF Professora Francisca Weinmann, possuía 20 crianças (entre 6 e 7 anos), e nenhuma surda. Porém, no fim, para haver tempo da coleta de dados, apenas 5 crianças aleatórias de cada escola acabaram sendo de fato como sujeitos para a análise. A ideia da autora, em conjunto com o grupo Mãos Bilíngue, foi trazer as músicas da sala de aula do dia a dia das crianças, e por meio de glosas (texto escrito em libras), efetuar a mudança da língua portuguesa para a Língua de Sinais. Para tal, existiu a aplicação em dois momentos: o primeiro, explica Ferrão (2018), ocorreu a glosa para facilitação aos acadêmicos, da UFSM, e o segundo momento, é designado aos estudantes de escolas estaduais e municipais, em ambos, os participantes que ajudaram para a essa realização foram: uma professora surda, participantes do projeto Mãos Bilíngues, e nas escolas públicas, também a coordenadora.

Inicialmente, optaram pelas escolhas das músicas infantis, que diariamente estavam presentes na sala de aula dos estudantes. Foram elas: borboletinha, o sapo não lava o pé e meu lanchinho. Posteriormente, deu-se início às atividades de forma que elas estivessem sendo filmadas. A autora não deixa claro a quantidade de tempo da realização da atividade. Dessa

forma, durante os estudos, cinco crianças foram retiradas da sala de aula para fazerem a sinalização das músicas ensinadas, um momento em grupo e outro individual. A avaliação da atividade proposta é composta por três categorias: configuração de mão, movimento e ponto de articulação, ou seja, os parâmetros primários da LIBRAS, dessa forma, a análise prosseguiu salientando em cada música os parâmetros pretendidos. Os resultados foram bastante satisfatórios em ambas as escolas e turmas, com 80% a 100% de movimentos corretos entre as categorias pensadas, sendo assim, a autora conclui afirmando vantagens em trazer a música como memorização dos sinais, bem como também, o interesse das crianças e professores ouvintes, e como ela pontua: ao longo da realização das atividades para a coleta dos dados, desenvolveram atenção e percepção visual. Isso se deve à modalidade das línguas de sinais – elas são visuais - espaciais e, por isso, a atenção visual é condição essencial para que a aprendizagem aconteça. (FERRÃO, 2018).

A abordagem de Sousa (2017) continua, assim como as outras propostas analisadas, prezando pela ludicidade para crianças ouvintes, no intuito de inserção da Libras como L2 na educação infantil, para tal, foi-se implicados professores ouvintes e surdos. A pesquisa de caráter qualitativo e empírico, foi desenvolvida no Centro de Educação Infantil (CEI), mas iniciou-se pelo projeto libras na creche, que tem como base a inclusão da libras de forma mais natural possível por atividades lúdicas, para que seja aprendido o uso básico da língua na educação infantil. Assim, em meio aos encontros semanais do projeto, foi desenvolvido e apresentado a ideia aos professores da CEI, posteriormente reuniões e encontros foram realizados a fim de trazer atividades que de fato contribuíssem para o aprendizado. A atividade desenvolveu-se totalizando cerca de quatro meses.

Os participantes do estudo eram: a professora do CEI, a bolsista surda participante do projeto libras da creche (desde os 15 anos aprendeu libras), a intérprete (a pesquisadora do artigo aqui analisado), e os alunos ouvintes do 4/5B (entre três e quatro anos). As tarefas realizadas na sala de aula nos de 2015 e 2016 foram extensas, e eram analisadas semanalmente. Por conta de muitos conteúdos para serem estudados foi selecionado apenas um para essa pesquisa que foi a compreensão da história “a lebre e a tartaruga” de forma que os estudantes a conhecerem em português e posteriormente em libras, ensinando os sinais de alguns personagens existentes na história. Importante ressaltar que essa atividade estava sendo registrada por vídeos gravações, assim puderam ter acesso com detalhes das ações realizadas.

Dito isso, os vocábulos mais básicos da história foram selecionados, levando em conta a idade das crianças, e priorizando a expressão corporal. A experiência, conseguiu atingir seu objetivo de que os participantes interagem e aprendem os sinais destacados, apesar de em alguns momentos não favoráveis de a intromissão da docente da sala de aula em alguns momentos oralizando com a crianças, sendo o propósito da atividade a inserção da Libras, e para tal, seria necessário apenas o uso dessa língua. Esse ponto foi destacado pela bolsista surda, que sentiu mais necessidade de sua língua na hora de questionar as crianças sobre a história. que eles pudessem decifrar os sinais sem necessidade de oralização por parte da professora regente.

O trabalho produzido por Cananea (2019), realizado por meio da pesquisa-ação, busca analisar a inclusão da Língua Brasileira de Sinais como um instrumento de estímulo na educação infantil. Essa pesquisa de campo, foi realizada no projeto Aponte, uma instituição filantrópica faixa etária infantil, e que acolhe crianças que possuem algum distúrbio ou dificuldades de aprendizagem. Dito isso, a coleta de dados deu-se por registros diários e intervenções acontecidas entre fevereiro e agosto de 2019. Foram realizadas vinte intervenções, tendo oito crianças do jardim III como sujeitos da pesquisa. Na instituição Aponte Fazem o uso do PAEI (Protocolo de Avaliação e Acompanhamento da Educação Infantil) que é preenchido a cada bimestre pelos educadores com o objetivo de registrar o nível da criança em 22 habilidades, para o trabalho realizado, também foi optado por utilizar desse método, porém avaliando apenas 7 dessas: Atenção, Motricidade fina, Memória, outras linguagens, Interação com a/o educadora/o, Curiosidade, Iniciativa/ autonomia.

A ação desenvolvida, conta com a ludicidade trazida de várias maneiras. A primeira intervenção, contou com a apresentação do sinal da primeira letra do nome das crianças, também ensinou sobre sinais que abordem questões de afetividade, e a contação de história. Essas atividades aos poucos chamaram a atenção, e despertou perguntas vindas das crianças. E assim, seguiu-se as mediações, abordando diversos temas e propostas diferentes de atividades, o que permitiu a percepção de diferença entre o mês inicial e o que encerrou a pesquisa no sentido de desenvolvimento de habilidades como por exemplo: a atenção que parecia difícil mantê-la inicialmente, no fim, estava tomada pelas aulas. Houve avanços em cada propensão avaliada, a autonomia foi bastante citada com um avanço perceptível, pois, mesmo não sabendo sinais em determinados momentos, os estudantes se prontificaram a buscá-lo.

Os resultados apresentados diante as aplicações das intervenções ocorridas, nos mostra a presença do lúdico, sendo essa abordagem, altamente positiva para um bom aprendizado, apesar dos déficits encontrados. Os autores expuseram suas vivências, e a partir de seus relatos podemos perceber a existência de preparo para que seja sucedido de fato, o ensino da língua de Sinais nas Escolas regulares. Temos então, em sua maioria, atividades realizadas com determinado prazo, e com resultados satisfatórios. De acordo com Werle (2017) o ensino de uma nova língua é muito mais facilitado enquanto crianças, pois, há maior existência de interação e inexistência de pré-julgamento, dito isso, compactuamos que essa é sim uma fase indispensável para novas aprendizagens, em especial, o ensino de Libras, pois com a permanência desse ensino conseqüentemente torna-se comum e usual do dia a dia, sem que haja a inserção de algo incomum, e sim de forma prazenteira. Observamos também o desenvolvimento em várias habilidades das crianças sendo explorados simultaneamente ao ensino, proporcionando avanços cognitivos, emocionais, e também o desenvolver da autonomia promovida pela curiosidade que se instalava em diversos momentos. Entendemos então, o que o ensino de libras promove, ou seja, bem mais para além da sala de aula, traz envolvimento social.

### 3.2 OS PROFESSORES E A LIBRAS

Nesta subseção analisaremos os dados encontrados nas pesquisas referente ao relacionamento entre os professores de alunos surdos e a Libras, começando pelo trabalho de Bastos (2017), por acreditarmos que este é um excelente trabalho para iniciar esta subseção, pois a sua pesquisa tem como objetivo analisar a opinião dos professores de uma escola estadual da cidade de Caxias - MA acerca da importância da inclusão de Libras no currículo do ensino regular. Os dados foram coletados por meio de uma entrevista com seis professores que trabalham com surdos na rede estadual. A preocupação com profissionais adequados apresentada na subseção anterior se repete nos textos de Bastos (2017), desta vez por terem visto pessoalmente o despreparo da maioria dos professores para trabalhar com surdos, ocasionando em mais exclusão.

A autora aponta que embora as políticas educacionais se mostrem democráticas, sugerem currículos sem possibilidade de adaptações e neles devem considerar as diversas identidades, diferentes e multiculturalismo, isto inclui a valorização da cultura surda. Defende

que o ensino de Libras e Língua Portuguesa na educação bilíngue do ensino infantil ao médio, pois é necessário mais tempo que apenas uma única matéria em um único semestre para a aprendizagem de uma língua. Explícita preocupação em inserir professores surdos na escola, pois estes contribuem não apenas como uma prática docente mais natural no ensino de Libras, como também no auxílio do desenvolvimento da identidade surda, sendo como modelo para o aluno surdo à medida em que convivem entre si.

Durante a entrevista, foi constatado que apenas um professor tinha conhecimento básico da língua, pois possui curso de 40h, entretanto, nem mesmo este professor conseguia estabelecer uma comunicação eficiente com o seu aluno surdo, afinal, conforme a autora, leva em média 3 anos para aprender a se comunicar em Libras e o restante dos professores que participaram da pesquisa se formaram antes da lei que regulamenta libras no currículo das licenciaturas. Tal fato levanta a reflexão diante da obrigatoriedade de haver uma disciplina de libras na formação das licenciaturas, levantam questionamento sobre como estão sendo ministradas esta disciplina de libras, pois a carga horária apresentada não é suficiente para a fluência na Libras e os professores formados antes da lei precisam ser capacitados.

No que se refere a comunicação entre os alunos, os professores só conseguem se comunicar com os alunos através do intérprete, apenas um conta com ajuda também de seus alunos que possuem conhecimentos da libras (na qual aprendem a Libras por conviverem diariamente com algum colega surdo na turma) e um outro que utiliza de gestos, o que pode ser causar constrangimento ao aluno. Explica que um há um decreto no qual exige a presença de um intérprete ou tradutor de libras em sala de aula quando há um aluno surdo matriculado, entretanto, a comunicação do professor com seu aluno não pode ficar restrita somente ao intérprete. Quando questionados sobre as dificuldades enfrentadas por eles na educação do aluno surdo, os professores apresentaram duas, sendo a comunicação a primeira e a segunda a adaptação de conteúdo.

Em duas situações, a opinião dos professores foram unânimes, a primeira foi que acham a libras na educação básica desde o ensino infantil importante para que haja inclusão de surdos de forma mais apropriada e a segunda que os professores sentem necessidade de aprender libras para se comunicar com o aluno surdo, entretanto, os pesquisadores identificaram que apesar disto, os professores estavam em posição cômoda e não iam atrás de tal formação, pois sempre

que se fazia necessário, os professores recorriam ao intérprete ou profissional presente que já tem conhecimento da língua.

O trabalho a seguir foi realizado por Corassa (2022), por meio de análise do Projeto Político Pedagógico (e outros documentos norteadores) e um questionário com os professores e equipe diretiva de uma escola municipal não identificada e Secretária de Educação do Município de Alto Uruguai (RS), com o objetivo de descobrir o que estes conhecem sobre a Libras e os desafios e as possibilidades da oferta dela na pré-escola. A entrevista foi realizada com nove profissionais da área, mas nem todos responderam todas as perguntas. A fim de simplificar, haverá momentos em que dizemos “todos os oito entrevistados” e “nove entrevistados” para nos referir somente aos que não se recusaram a responder determinada questão.

O primeiro dado coletado por Corassa (2022) foi a formação inicial e experiência na Educ. Infantil dos professores, apontando que sete dos oito entrevistados cursaram Pedagogia entre os anos 2008 a 2016, tendo entre 4 a 15 anos de experiência na Educ. infantil. O que restou se formou em Letras, Espanhol e Respectivas Literaturas em 2004, não tendo nenhuma experiência na área citada. Ao questionar os entrevistados sobre quais línguas eram ensinadas para as crianças, responderam inglês e espanhol, em seguida, explicando que optaram por não ensinar Libras por não haver alunos surdos matriculados na instituição de ensino ao serem questionados sobre o porquê de não incluírem Libras. A partir deste ponto, a autora trouxe em sua pesquisa uma informação que é interessante e alarmante na mesma medida, pois dos entrevistados, oito de nove tiveram uma disciplina voltada a Libras durante sua graduação e somente quatro destes afirmaram possuir conhecer leis e decretos que abrangem a Libras. Não obstante, dos quatro que possuíam conhecimento, somente três tiveram a disciplina mencionada anteriormente. Isto nos mostra ainda mais a necessidade de melhorar a formação de professores e a importância da formação continuada, que por sua vez, neste caso, foi deixada de lado pelos entrevistados, que afirmaram não terem ido em busca de qualquer curso relacionado ao tema, tão pouco foi ofertado pela instituição.

Ao prosseguir com a pauta de Libras, todos os nove profissionais alegaram que desejam o ensino nessa etapa da educação e reconhecem que possibilita a interação entre surdos e não surdos, que estimula as habilidades cognitivas que o bilinguismo oferece ao cérebro, que uma criança surda pode ser matriculada e somente um discorda de que, com um profissional

capacitado para esse trabalho, é possível ensinar Libras para crianças, pois estas aprendem outras línguas e nesta fase possuem uma maior facilidade em aprender. Os entrevistados declaram que a inclusão de libras no currículo do ensino infantil seria um avanço na educação e que a população do município iria enxergar isto como uma possível inclusão de surdos e sua cultura na comunidade, entretanto, (67% afirmam) que é crucial que haja um profissional capacidade para atuar, (16%) reorganizar os documento e (17%) ter crianças que necessitem da Libras.

Este último ponto se repete algumas vezes durante toda a entrevista e assim como a autora, acreditamos que as escolas devem se preparar para receber o aluno antes de sua matrícula, pois do mesmo jeito que não faz sentido esperar que alunos se matriculem para comprar cadeiras, não faz sentido esperar alunos surdos se maticularem para aprender e ensinar sua língua. Por fim, como principal desafio, os entrevistados comunicaram ser a formação profissional e as mudanças que a escola deverá enfrentar. Já no que diz respeito às possibilidades, classificaram como inúmeras, partindo da inclusão efetiva de surdos, melhor comunicação com estes e a valorização e respeito às diversidades.

A pesquisa de Werle (2017) realizada pela Escola Salomão Watnick, de Porto Alegre, conta entrevistas realizadas com intérpretes que atuam na instituição. As duas intérpretes atuantes possuem bastante experiência: uma com dez anos de atuação na área e outra com dezoito anos de experiência, sendo há cinco anos intérprete. Dito isso, ambas pontuam a falta de domínio da língua quanto aos professores nas escolas regulares, e destacam a dificuldade pertinente do surdo nessas escolas com a língua portuguesa. Assim, defendem o ensino das libras para crianças ouvintes, visto que, há diversas metodologias para agregar na compreensão. O trabalho de Lima e Barbosa (2020), feito numa escola pública de educação infantil, localizada em São Francisco do Conde- BA, tendo como propósito a saber como está ocorrendo o ensino da Libras para crianças ouvintes em determinada instituição. Assim, optou-se por entrevistas com os professores com formação em Letras e também pós-graduação em Libras. O ensino de Libras iniciou-se a partir da chegada do professor (a) na instituição. Ele inicia pontuando a importância da inserção da língua Brasileira de Sinais, afirma ser uma boa alternativa para que se reconheça o respeito às diferenças e reconhecimento de identidades. Na prática, percebe esses acontecimentos por depoimentos das famílias de seus alunos, que com frequência dão o

retorno das aprendizagens efetuadas dentro de suas próprias casas por parte deles, não somente reproduzindo os sinais, mas também enfatizando a importância da língua.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As metodologias lúdicas são as mais utilizadas para o ensino em questão e traz os resultados desejados, isto é, interesse do aluno, aprendizado e interação com os seus pares, sejam elas brincadeiras, leituras, músicas etc. De forma unânime, os autores constataram que o ensino de Libras para ouvintes nas escolas regulares é fator que promove inclusão de surdos e melhor comunicação com seus pares, colaborando para romper as barreiras; que este feito beneficia não apenas os surdos, mas também os ouvintes, criando assim, uma ponte por meio das sugestões aplicadas.

Na maioria dos casos, por mais que o objetivo seja inclusão, a iniciativa de ensinar Libras nas escolas regulares surge de ter um aluno surdo na escola e só então o corpo escolar começa a se preocupar com a inclusão de surdos na escola, não preparando-se anteriormente para recebê-lo ou outros. Este é um fato que nos causa preocupação, pois escancara a realidade de que pessoas com deficiência no geral costumam ser esquecidas pela sociedade por fazerem parte de uma minoria. Esta é uma realidade que ainda necessita ser mudada, pois a educação por si só já deveria ser inclusiva, pois esta é para todos, para isto, a inclusão e acessibilidade devem ocorrer na escola antes de que o aluno necessite.

No que diz respeito à opinião dos professores acerca do tema, é notável que a maioria possui consciência referente aos direitos de inclusão de surdos e os diversos benefícios que a inclusão de Libras no currículo escolar pode proporcionar. Porém, essa percepção não garante uma boa aplicação da inclusão. Todavia, ainda é de suma importância superar alguns desafios, ao começar pela maior oferta de especialização e/ou curso de Libras, pois a fornecida durante a graduação não é suficiente e o professor precisa estabelecer um canal bom de comunicação com seus alunos; adaptação de material e conteúdo; e maior flexibilização do currículo escolar.

Um ponto que não pode ser deixado de lado mas que aparece pouco nas bibliografias analisadas trata-se da cultura surda, que precisa ser mais valorizada e incluída nas metodologias, pois ela faz parte da identidade surda. Observamos que os professores se limitam a adaptar livros infantis para Libras em sala de aula, mas não selecionam livros da cultura surda, isto é, escritos por surdos ou para surdos, por exemplo, o livro *Um Mistério a Resolver: O Mundo das*

Bocas Mexedeiras. Essa é apenas uma de muitas atividades e atitudes que podem ser tomadas para inclusão da cultura surda além da Libras em sala de aula e nos faz perceber que é necessário ampliar ainda mais a consciência dos professores sobre o tema.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, L. F.; ALENCAR, R. M. G. **A importância do ensino da Língua Brasileira De Sinais-(LIBRAS) para educação infantil e formação dos professores das séries iniciais.** Brazilian Journal of Development, v. 7, n. 1, p. 5648-5671, 2021.
- BASTOS, Eulânia Maria Ramos. **A Libras como disciplina na educação básica: uma pesquisa com professores da rede estadual de Caxias – MA.** In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 38., 2017, São Luís. Anais [...]. São Luís: ANPED, 2017. p. 1-17.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil 1988 | Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** 1998. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/91972/constituicao-da-republica-federativa-do-brasil-1988#art-205>. Acesso em: 19 de maio, 2022.
- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências.** 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm). Acesso em: 19 de maio, 2022.
- BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências.** 2014. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm). Acesso em: 6 de maio, 2022
- BRIZOLA, J., & FANTIN, N. **Revisão da Literatura e Revisão Sistemática da Literatura.** Revista De Educação Do Vale Do Arinos - RELVA, 3(2). 2017.
- CANANEA, Leandro Batista. **O Ensino da libras na Educação infantil: uma experiência inclusiva no projeto Aponte.** Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, do Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba. 2019
- CORASSA, Tainá Deffaci. **As Possibilidades e os Desafios da Oferta de Libras na Pré-escola em uma Escola de Educação Infantil no Norte Gaúcho.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). 2022.
- FERRÃO, Bibiana da Silva. **Músicas infantis como instrumento facilitador para o Ensino da Libras por crianças ouvintes.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM - RS), 2018.

- KLEIN, Alessandra F. **Prática Bilíngue na Educação infantil: Libras e português-reflexões de uma prática.** E. M. E. I. Paraíso da Criança, UNIJUÍ- Universidade Regional do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul, 2010.
- LACERDA, L. L.; MORAES, C. R. C. **O ensino da língua brasileira de sinais para crianças ouvintes: uma proposta de bilingüismo às avessas.** In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EDUCERE, 11., 2013, Curitiba. Anais eletrônicos... Curitiba: PUC-PR, 2013, p. 11.
- LEITE, M. de S.; ARAÚJO, A. C. S. **Relatos de Experiência: Libras na Escola, Despertando Uma Nova Língua e Promovendo a Inclusão.** Id on Line Rev.Mult. Psic., Dezembro/2020, vol.14, n.53, p. 108-119. ISSN: 1981-1179.
- LIMA, A.; BARBOSA, A. R. de C. S. **O Ensino de Libras para crianças ouvintes: uma experiência na Educação Infantil.** Salvador, v.5, n.2, p. 253-275, out., 2020.
- MARQUES, H. de C. R.; BARROCO, S. M. S.; SILVA, T. dos S. A. O ensino da língua Brasileira de sinais na educação infantil para crianças ouvintes e surdas: considerações com base na psicologia histórico-cultural. **Revista Brasileira de Educação Especial.** 2013, v. 19, n. 4, pp. 503-517.
- QUEIROZ, N. L. N. de; KUNZ, S. A. da S.; COSTA, S. R. S. Educação Infantil: diálogos com as professoras acerca do ensino de Libras. In: **CONEDU - VI Congresso Nacional de Educação.** 2019.
- RAMOS, A. S. L.; ALVES, M. O ensino da língua de sinais brasileira na educação infantil: caminhos para o uso e difusão. in Ferreira, N. M. & Nunes, C. (Eds.) **Diversidades, educação e inclusão.** (pp. 163-169) Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Lisboa. 2021 <https://doi.org/10.34629/ipl.eselx.cap.livros.098>
- SOUSA, Danielle Vanessa Costa. **Reflexões sobre ensino de Libras como L2 para crianças ouvintes no contexto de escolas regulares inclusivas.** 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2017.
- SOUSA, Danielle Vanessa Costa. **Reflexões sobre uma narrativa em um contexto de ensino da Libras como segunda língua para crianças ouvintes.** Papéis. Rev. do programa de pós-graduação em estudos de linguagens - UFMS, Campo Grande - MS, vol. 22, n.43, p. 51-71. ISSN 2448-1165. 2018.
- TORRES, André Henrique Furtado; CRUZ, Eva Alves da; HENRIQUE, Victor Hugo de Oliveira; **Libras na Educação Infantil: Diálogos necessários para uma educação inclusiva.** Out 2019. DOI:10.22533/at.ed.24619171012. In book: Políticas Públicas na Educação Brasileira: Caminhos para a Inclusão 2 (pp.124-133).
- VALADÃO, M. N.; RODRIGUES, L. F.; LOURENÇO, A. R.; REIS, B. G. **Os desafios do ensino e aprendizagem das libras para crianças ouvintes e suas relações com a educação inclusiva de alunos surdos.** Revista (Con)Textos Linguísticos. 2016, v. 10, n. 15, pp. 125-147. ISSN 2317-3475.
- WERLE, Marluce Maria. **A inclusão de libras no currículo da Educação Infantil da escola regular: uma proposta possível?** 2017. Artigo (Graduação) – Curso de Letras,

Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 29 nov. 2017. Disponível em:  
<http://hdl.handle.net/10737/1905>

### **Sobre autores e contato:**

#### **Lizze Silva Almeida**

Graduanda em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco – UPE *Campus* Petrolina – PE.  
E-mail: [lizze.almeida@upe.br](mailto:lizze.almeida@upe.br)

#### **Flávia Larissa de Rocha Alencar**

Graduanda em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco – UPE *Campus* Petrolina – PE.  
E-mail: [flavia.rocha@upe.br](mailto:flavia.rocha@upe.br)

#### **José Hugo Gonçalves Magalhães**

Doutor em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É professor auxiliar da Universidade de Pernambuco (UPE) *Campus* Petrolina – PE – Brasil.  
E-mail: [josehugo.magalhaes@upe.br](mailto:josehugo.magalhaes@upe.br)

#### **Alexsandro Medeiros do Nascimento**

Doutor, Departamento de Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Coordenador do Laboratório de Estudos de Autoconsciência, Consciência, Cognição de Alta Ordem e Self (LACCOS)  
E-mail: [alexmeden@gmail.com](mailto:alexmeden@gmail.com)  
<http://orcid.org/0000-0002-9981-8384>

#### **Antonio Roazzi**

Ph.D., Departamento de Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)  
E-mail: [roazzi@gmail.com](mailto:roazzi@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0001-6411-2763>  
<http://lattes.cnpq.br/6108730498633062>  
[https://www.researchgate.net/profile/Antonio\\_Roazzi](https://www.researchgate.net/profile/Antonio_Roazzi)